

## UMA PROPOSTA DIDÁTICA DE LEITURA LITERÁRIA DE *A MÁQUINA DO TEMPO*

Vanessa dos Santos Araujo (FFLCH/USP)<sup>1</sup>

Douglas Pigozzi (SEDUC/SP)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Com as dinâmicas transformações da sociedade, a literatura foi perdendo seu espaço de prestígio na sala de aula, porém, a dinâmica da sala de aula transformou também a literatura, ora em mero objeto de fruição, ora em objeto de estudo da língua. Nesse processo, faz-se necessário reivindicar o espaço da literatura em sala de aula como humanizadora, pela leitura literária, de acordo com Cosson (2010). Nesse contexto, o presente artigo objetiva apresentar uma proposta didática de leitura literária do livro *A Máquina do Tempo*, de Herbert George Wells. A base teórica adotada entende literatura como um direito humano, de acordo com Candido (1995) e a prática de leitura literária na escola como letramento literário, conforme Cosson (2009). Para tanto, a abordagem metodológica se organiza em torno de uma sequência básica, proposta por Cosson (2009). Constatou-se com esta pesquisa que a sistematização de uma proposta didática para o ensino da literatura no contexto escolar, por meio de uma sequência básica, contribui para o atendimento de um direito social humano para estudantes da rede pública. Ademais, a obra literária escolhida para a elaboração da proposta didática favorece a compreensão acerca das diferenças humanas implicadas em processos de desigualdade na literatura e na vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** A Máquina do Tempo; Literatura; Leitura literária; Letramento literário; Proposta didática.

**ABSTRACT:** With the dynamic transformations of society, literature lost its prestige space in the classroom, however, the classroom dynamics also transformed literature, sometimes into a mere object of enjoyment, sometimes into an object of language study. In this process, it is necessary to claim the space of literature in the classroom as humanizing, through literary reading, according to Cosson (2010). In this context, this article aims to present a didactic proposal for a literary reading of the book *The Time Machine*, by Herbert George Wells. The theoretical basis adopted understands literature as a human right, according to Candido (1995) and the practice of literary reading at school as literary literacy, according to Cosson (2009). Therefore, the methodological approach is organized around the basic sequence, proposed by Cosson (2009). It was found with this research that the systematization of a didactic proposal for teaching literature in the school context, through a basic sequence, contributes to the fulfillment of a human social right for public school students. Furthermore, the literary work chosen for the elaboration of the didactic proposal favors the understanding of the human differences involved in inequality processes in literature and in life.

**KEYWORDS:** The Time Machine; Literature; Literary reading; Literary literacy; Didactic proposal.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras no programa Profeletras/USP e professora de Língua Portuguesa na rede pública estadual paulista.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e professor de Sociologia na rede pública estadual paulista.

## INTRODUÇÃO

O livro *A Máquina do Tempo*, publicado em 1895, está inserido no gênero literário romance de ficção científica, classificado assim, pelo próprio autor, H. G. Wells. O protagonista da narrativa, o Viajante no Tempo, é um cientista inglês que construiu uma máquina do tempo e viajou para o futuro, especificamente para o ano 802.701. Nesse futuro ele se deparou com uma bela paisagem natural habitada por um povo igualmente belo, os Eloi. Com o primeiro contato, o personagem foi levado a supor que as relações humanas e a relação entre o homem e a natureza haviam evoluído. A suposição durou até o momento em que ele se deparou com o povo que vivia no subterrâneo, os Morlocks, cujas características físicas não eram tão agradáveis quanto as dos Eloi. O Viajante no Tempo, portanto, desenvolveu uma imediata afinidade com os Eloi, de um lado; e uma imediata repugnância aos Morlocks, de outro lado. No entanto, essa dualidade parece ir além do banal conflito entre o Viajante do Tempo (o bem) e os Morlocks (o mal).

Essa breve descrição se relaciona a uma situação preocupante nas interações sociais, da intolerância ao diferente. Uma faceta dessa intolerância é a propagação de discursos de ódio dirigidos às pessoas pertencentes a grupos historicamente marginalizados, de modo que a instituição escolar não está isenta dessa situação. A presença da intolerância nas relações escolares pode impactar negativamente os processos de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, pretende-se apresentar neste artigo, uma contribuição para a problematização dessas relações a partir da leitura literária, especificamente, pela leitura da obra *A Máquina do Tempo*, como atividade humanizadora e promotora do letramento literário na escola.

Além disso, a escolha desse título se deu pela facilidade de acesso ao livro no contexto do estado de São Paulo. O livro chegou aos estudantes pelo programa Apoio ao Saber, um projeto organizado pela Secretaria da Educação em parceria com a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), cujo objetivo é incentivar a leitura. O programa consiste na entrega anual de um kit composto por três livros para cada aluno do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e do ensino médio. Com isso, além de promover atividades de leitura na escola, os jovens podem levar os livros para a casa e estender a leitura às famílias. Na rede municipal, o mesmo livro pertence ao programa Minha Biblioteca, cujo objetivo é promover o acesso e fomentar o hábito da leitura, por meio da entrega de dois livros para cada estudante anualmente. Em ambas as redes, a edição escolhida é da editora Objetiva, cuja tradução é de Braulio Tavares.

No que se refere à abordagem temática do livro, a proposta vai ao encontro de uma das competências gerais da educação básica, disposta na Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC)

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 9).

Especificamente, sobre o potencial formador e humanizador da leitura literária, o disposto na BNCC aponta que

Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores (BRASIL, 2018, p. 156).

Desse modo, espera-se que a escola seja um espaço em que o trabalho com a leitura literária promova mais que a aprendizagem da língua ou dos estilos de época, mas também e principalmente, promova a humanização do estudante, enquanto sujeito leitor de si e do mundo. Nesse sentido, o campo de atuação artístico-literário da BNCC, contribui por meio do

(...) exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente (BRASIL, 2018, p. 139).

Assim, a BNCC propicia uma abordagem de leitura literária voltada para a formação do sujeito leitor, cuja perspectiva considera o respeito às diferenças humanas. A proposta didática sugerida neste artigo dialoga com o disposto na BNCC, e proporciona, ainda, a possibilidade de uma atitude responsável frente às relações desiguais provenientes das diferenças humanas. Isso porque a questão das diferenças entre dois grupos étnicos, assim como do ponto de vista etnocêntrico do Viajante no Tempo em relação a esses grupos, está associada a conflitos presentes nas relações étnico-raciais no contexto brasileiro, por exemplo. Dessa forma, com a leitura literária sistematizada por meio de uma sequência básica, é possível, na prática

educativa, associar esse questionamento a outras formas de preconceitos, atendendo às necessidades da turma.

A elaboração desta proposta didática, portanto, objetiva contribuir para esse processo, à medida em que oferece aos docentes uma sugestão de ensino de literatura por meio da leitura literária de uma obra, cujo conteúdo é sensível às diferenças humanas. Para tanto, adotou-se uma base teórica que considera a literatura como um direito social, de acordo com Candido (1995) e a literatura na escola como uma forma de letramento literário, de acordo com Cosson (2009). A abordagem metodológica da proposta didática segue os princípios de Cosson (2009), que se organiza em uma sequência básica de atividades de leitura literária, sugeridas a partir da obra *A Máquina do Tempo*. Assim, neste artigo se apresentam três seções, quais sejam: 1) *A leitura literária na escola*, que trata das concepções de literatura que fundamentam a elaboração da proposta didática; 2) *Abordagem metodológica: as sequências básica e expandida*, na qual se apresenta a abordagem metodológica e 3) *Sequência básica para a leitura de A Máquina do Tempo*, na qual se apresenta uma sugestão de sequência básica para a leitura do livro *A Máquina do Tempo*.

## **1. A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA**

A proposta de trabalho com o livro *A Máquina do Tempo* fomenta a leitura literária na escola e se justifica no que tange à literatura como um direito social, de acordo com Candido (1995). Mais do que isso, a proposta de letramento literário de Cosson (2009), contribui para a garantia do direito à literatura por meio da escola, com o desenvolvimento de condições objetivas e subjetivas que favoreçam o acesso à literatura pela leitura do livro. Embora isso soe redundante, vale ressaltar esse percurso, haja vista as diversas formas de a escola trabalhar a literatura sem que seja feita a leitura integral da obra literária, tampouco com uma abordagem mais aprofundada.

Candido (1995), ao defender a literatura como um direito humano, defende igualmente o pressuposto de que aquilo que nos é indispensável, é também indispensável ao outro. O autor compreende a literatura como direito humano à medida que corresponde a uma necessidade profunda do ser humano, uma vez que a literatura, em seu sentido mais amplo, é uma “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (CANDIDO, 1995, p. 242). E por se configurar como um fator de humanização, “(...) pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar” (CANDIDO, 1995, p. 243). Para ele, é por esse inculcamento intencional que

(...) nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (CANDIDO, 1995, p. 243).

Nesse ponto, a escola funciona como uma ponte entre a literatura e os estudantes da rede pública, democratizando o acesso à literatura, principalmente àquela considerada erudita. O romance *A Máquina do Tempo*, por exemplo, funciona como um instrumento de educação, ao passo que o posicionamento social do protagonista representa um complexo conjunto de valores da sociedade, de modo que o leitor vive a dialética presente nesse discurso, defendendo-o ou rechaçando-o. Contudo, fica explícito o papel da escola na produção de conhecimentos, não apenas linguísticos, mas históricos, sociais, culturais, que concorram para o letramento literário necessário para viver essa dialética de valores que se manifestam na ficção.

Candido complementa que a função da literatura se revela por pelo menos três aspectos, os quais agem simultaneamente: “(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente” (CANDIDO, 1995, p. 244). Em *A Máquina do Tempo*, a forma, construída por um romance de ficção científica, narrado em prosa, a qual explora, por meio de uma viagem no tempo, um conteúdo social, a divisão das classes sociais, de modo que forma e conteúdo se expressam pela materialidade linguística. Desse modo, se evidencia que o processo de leitura literária significa mais que a leitura do texto, ele parte da língua, mas a extrapola.

Tendo em vista o conteúdo da obra literária, representa ainda uma forma de se relacionar diretamente aos direitos humanos. No caso de *A Máquina do Tempo* à medida em que trata das diferenças entre grupos sociais, contribui para a compreensão dos conflitos presentes nas relações escolares. Para tanto, ressalta-se que não se trata de ensinar literatura por meio, unicamente da leitura de fruição de obras literárias, ou de aulas de literatura, as quais têm como foco principal ensinar os períodos literários, seus autores e obras, mas sim, por meio de uma abordagem ampla de leitura literária, com o fito de promover um letramento literário, como proposto por Cosson (2009), de modo que se configura como uma forma de educação literária no processo de escolarização.

Diante desse pressuposto, Cosson corrobora a relevância da literatura, como prática social, que deve ter um lugar especial na escola, por tornar o mundo compreensível e por sua função humanizadora. Desse modo, destaca três espaços que a literatura deve ocupar nas salas de aula, a saber:

Na sala de aula, a literatura precisa de espaço para ser texto, que deve ser lido em si mesmo, por sua própria constituição. Também precisa de espaço para ser contexto, ou seja, para que seja lido o mundo que o texto traz consigo. E precisa de espaço para ser intertexto, isto é, a leitura feita pelo leitor com base em sua experiência, estabelecendo ligações com outros textos e, por meio deles, com a rede da cultura. Afinal, construímos o mundo com palavras e, para quem sabe ler, todo texto é uma letra com a qual escrevemos o que vivemos e o que queremos viver, o que somos e o que queremos ser (COSSON, 2010, p. 67).

O livro *A Máquina do Tempo* pode oferecer diversas possibilidades de abordagem desses três espaços da leitura literária na sala de aula. O espaço do texto pode ser ocupado com uma análise da linguagem empregada nas várias descrições apresentadas na narração, por exemplo, a dos efeitos sentidos pelo viajante durante o primeiro trajeto da máquina, capaz de fazer o leitor senti-los em seu próprio corpo. Dentre os diversos contextos possíveis, a questão do etnocentrismo, expresso nas atitudes do viajante diante do mundo novo, ajuda a compreender como a esse conceito se ligam às questões das diferenças e das desigualdades. E o lugar do intertexto, pode se fazer presente sobremaneira na relação com as mais diversas histórias que abordam o conflito entre o bem e o mal, incluindo o fato de o mal, geralmente estar associado ao diferente. Nesse sentido, acredita-se que uma forma de a literatura ter espaço para ser texto, contexto e intertexto na sala de aula pressupõe uma abordagem adequada do texto literário, sistematizada em uma sequência de atividades que se adapte à organização escolar, e ao mesmo tempo, à dinâmica da sala de aula.

## **2. ABORDAGEM METODOLÓGICA: AS SEQUÊNCIAS BÁSICA E EXPANDIDA**

Em consonância aos princípios do letramento literário, Cosson (2009) propõe uma sistematização das atividades de leitura literária na escola em dois formatos de sequência, um básico e um expandido, ressaltando que as possibilidades de combinação entre as sequências se multiplicam e que não devem ser tomadas como limitantes, portanto, não devem servir de modelo, e sim, de exemplo. Esses pressupostos são corroborados na sequência básica exposta neste artigo, que se configura como uma sugestão para a leitura do livro *A Máquina do Tempo*.

De modo geral, as sequências se constituem de três perspectivas metodológicas: a de oficina, à medida em que se propõe atividades de leitura e escrita/registro de forma intercalada; a técnica do andaime, em que os alunos atuam de forma autônoma na reconstrução do saber literário, tendo o professor como um andaime, e a do portfólio, que permite o registro do desenvolvimento, tanto de cada aluno, quanto de um coletivo, o que interessa para verificar a participação de um indivíduo na comunidade.

O primeiro formato apresentado, de sequência básica, se constitui em quatro passos: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação. A motivação é uma preparação do aluno para entrar no texto, “uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras” (COSSON, 2009, p. 55), geralmente parte da temática, mas não se reduz a ela, pode explorar também a forma ou ambas. Cabe ressaltar que a motivação exerce certa influência nas expectativas do leitor, mas não se deve dar a isso mais crédito que ao encontro do leitor com a obra, que é permeado de outras motivações, e conseqüentemente, influências; o objetivo da motivação deve estar atrelado a um projeto maior, de promover o letramento literário.

O próximo passo é a introdução, que se refere à apresentação da obra a ser lida e de seu autor, com o cuidado de não serem longas. A apresentação do autor é suficiente ao passo que dialoga com a obra em questão, bem como, vale destacar na obra sua importância para aquela atividade de leitura. Essa etapa representa ainda, o momento de recepção da obra, de modo que, quando possível, apresentá-la de forma física, já permite uma leitura inicial dos elementos paratextuais, e promove um levantamento de hipóteses a respeito da história.

Na atividade de leitura, o acompanhamento torna-se essencial para o letramento literário, principalmente quando se trata de leituras longas, como de romances. Nesse caso, o procedimento mais comum nas escolas, e mesmo o indicado por Cosson, é que as leituras mais longas sejam realizadas fora da sala de aula. No entanto, cabe ao professor decidir como será realizada a leitura, diante das possibilidades da escola e dos alunos, considerando o acesso dos alunos ao livro, e as condições materiais e subjetivas de cada um para realizar a leitura, de modo a garantir, não só se ele está ou não lendo, mas se ele possui as condições para leitura fora da sala de aula. Assim, propõe-se intervalos com atividades para o acompanhamento da leitura, que são mais bem aproveitados, quando é possível realizar a leitura conjuntamente em sala de aula.

A última etapa da sequência básica, a interpretação, é pensada em dois movimentos, um interior e outro exterior. O interior, de caráter individual, é o encontro do leitor com a obra, ao se apreender o sentido global da leitura. O exterior é “a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2009, p. 67). Esse

ponto é o que distingue a leitura literária na escola da que acontece fora dela, pois o momento de exteriorização da interpretação contribui para que o leitor se compreenda como parte de uma comunidade leitora. A forma como esse registro é feito pode variar bastante conforme a leitura realizada pela turma.

Isso vale para todas as atividades da sequência, que devem ser elaboradas e conduzidas de acordo com a dinâmica de cada escola e das relações estabelecidas entre o docente e a turma. A sequência básica, tal como é proposta pelo autor, já dá conta do trabalho com a leitura literária, visando ao letramento literário. Assim, o trabalho sobre a literatura passa a ter caráter complementar em relação ao texto literário, o que pode demandar adaptações e/ou complementações na sequência para ampliar esse aspecto, especificamente quando envolve estudantes do ensino médio. Dessa necessidade de ampliar o estudo sobre a literatura, Cosson (2009) propôs a sequência expandida, na qual a sequência básica está incluída, sua ampliação se faz com a interpretação, que se desmembra em duas, com uma contextualização e com uma etapa de expansão.

Na sequência expandida, a primeira interpretação refere-se à apreensão global da obra, que pode ser expressa mais livremente ou de forma dirigida, depende do processo de leitura da turma. Sugere-se que essa primeira etapa de interpretação seja realizada tão logo seja concluída a leitura da obra, de modo que signifique uma resposta à obra, e que a leitura individual realizada pelo aluno seja reconhecida na atividade. A contextualização é a possibilidade de inserir um estudo mais detalhado sobre a obra literária, sem separá-la do contexto, pois os contextos são apresentados na própria obra. A ideia, portanto, é explorar esses contextos. As sugestões são de contextualizações de diferentes aspectos, quais sejam, teórica, em que se expõem as ideias que sustentam a obra; histórica, a mais comum, em que se relaciona a obra à época em que a obra foi produzida e/ou que é abordada no enredo; estilística, se volta, aos estilos de época; poética, cujo foco são elementos linguísticos vinculados à composição da obra; crítica, em que se lê textos críticos à obra; presentificadora, trata da relação da obra com o presente e temática, em que se explora alguma tema relacionado à obra.

Diante de tantas possibilidades de contextualização, vale ressaltar que a definição de qual ou quais serão trabalhadas, vai depender do envolvimento da turma. Assim como, quaisquer que sejam as contextualizações, elas devem ser consideradas em relação ao texto literário, não externamente a ele. Essa etapa do processo de letramento literário também pode ser dividida com professores de outras áreas do conhecimento ou outras pessoas da comunidade, de acordo com o aspecto que se queira aprofundar.

A segunda interpretação visa a um aprofundamento de algum aspecto da obra literária, desse modo, essa etapa se liga à contextualização, podendo ser realizada direta, as duas etapas em atividade única ou indiretamente, em atividades diferentes. Uma forma direta de explorar a segunda interpretação é por meio de um projeto que integre as duas etapas, e que contemple o compartilhamento dos resultados com a turma. Dessa maneira, a possibilidade de projetos individuais, e mesmo de grupos, amplia a diversidade de interesses dos alunos em relação à obra. Nas duas formas, é necessário que haja um registro formal dessa atividade, e preferencialmente que seja negociado com os alunos, pois a segunda interpretação se refere ao compartilhamento da leitura. No processo de letramento literário, essa diversidade de interpretações oferece o entendimento de que “É o reconhecimento de que uma obra literária não se esgota, antes se amplia e se renova pelas várias abordagens que suscita, que identifica o leitor literário” (COSSON, 2009, p. 96).

A fase final da leitura literária de uma obra se volta para as relações com outros textos, é a etapa de expansão. Especificamente, são as possibilidades de diálogo da obra lida com textos que lhe são anteriores, contemporâneos ou posteriores. As sugestões de textos relacionados podem surgir tanto do professor, quanto dos alunos, assim como pode tratar-se de diferentes suportes que não o livro. É um trabalho de comparação em que as duas obras são cotejadas a partir do ponto de ligação, de modo que para tal, as atividades para essa etapa devem incluir, minimamente, uma apresentação dessa nova obra e a comparação, devidamente registrada.

### **3. SEQUÊNCIA BÁSICA PARA A LEITURA DE *A MÁQUINA DO TEMPO***

Antes de apresentar as atividades que compõem esta sequência básica, vale ressaltar que, na dinâmica da sala de aula, elas têm caráter sugestivo, podendo ser alteradas ou complementadas de acordo com as necessidades e potencialidades da turma, que só o professor consegue saber. O modo como a sequência está organizada é aberto, seguindo o princípio metodológico como uma forma de sistematizar o ensino da literatura na sala de aula, fugindo da leitura pela leitura e/ou do estudo sobre a literatura. O objetivo central é a formação de leitor pela leitura literária, especificamente, o leitor dos anos finais do ensino fundamental, etapa na qual a leitura literária é geralmente secundarizada em detrimento dos textos não-literários. Tendo esse pressuposto, segue uma sugestão de sequência básica, de acordo com a proposta elaborada por Cosson (2009), considerando as quatro partes: motivação, introdução, leitura e interpretação para o livro *A Máquina do Tempo*.

### a) Motivação

A motivação para essa leitura pode partir tanto da temática, que já lhe confere um título: *Uma viagem no tempo*, quanto pode partir de um gênero inserido no romance, o relato de viagem, de modo que o título serve para ambas as possibilidades. Para a primeira opção, uma atividade que verifique quais histórias sobre viagem no tempo os estudantes conhecem pode ser válida para criar um repertório sobre a temática de forma compartilhada com a turma. Uma atividade simples que daria conta da construção desse repertório é a elaboração de uma lista de histórias sobre viagem no tempo. Esse é um tema bastante explorado na indústria do cinema, dependendo das experiências dos alunos, podem surgir referências mais clássicas, como a trilogia *De volta para o futuro*, a franquia *Exterminador do futuro* ou as próprias adaptações do livro *A Máquina do Tempo*, há uma versão de 1960 e outra de 2002. Das mais atuais, podem se referir às séries *Dark* ou *Rick and Morty*, ou episódios de séries e desenhos animados em que ocorrem viagens ao futuro. Assim como podem surgir outras referências literárias ou do universo dos games. De todo modo, vale pedir uma breve descrição do enredo, caso haja alguma referência desconhecida pela maioria.

Para a segunda opção, abordando-se o gênero relato de viagem, um exercício interessante para provocar a atividade criativa dos estudantes, é solicitar que criem livremente um breve relato sobre uma viagem no tempo e contem à turma, com o objetivo de considerarem, além do tempo e do espaço para onde e quando viajariam, o porquê da viagem, o ponto de vista da narração. Nas duas opções de atividades, a partir do compartilhamento das produções, seja da lista de referências, seja dos relatos de viagem, a turma compartilha também expectativas sobre vários elementos do livro, como o período para quando a viagem foi feita, para que lugar, com qual recurso, se tecnológico ou mágico, qual teria sido a motivação para a viagem, o que foi encontrado no destino, se houve ou não retorno para o tempo presente entre outros. Essas expectativas levam a perguntas que serão total ou parcialmente respondidas na etapa de introdução da leitura.

Nesse sentido, sugere-se que as atividades de motivação sejam realizadas em uma aula, e caso seja possível ter um momento de duas aulas seguidas, de modo que a atividade de introdução já aconteça na sequência. Assim, no mesmo momento, os alunos realizam atividades que envolvem escrita e oralidade, na motivação, e leitura na introdução.

### b) Introdução

Nesse momento, a apresentação da obra literária fica mais interessante se acompanhada do livro físico, ainda que seja ao menos um exemplar que possa ser manuseado por todos. No entanto, como citado anteriormente, o livro *A Máquina do Tempo* foi distribuído em escolas públicas do estado de São Paulo na edição da editora Objetiva, portanto, espera-se que em algumas escolas exista quantidade suficiente desse livro para leitura em uma turma. Independentemente da edição, apresentando o livro físico, revela-se o título e o meio pelo qual a viagem é realizada. Diante dessas informações, a primeira atividade de introdução do livro é pedir aos alunos que deduzam quando o livro foi publicado pela primeira vez, ou seja, desde quando o livro está viajando através do tempo. Considerando ser essa uma obra tão antiga, que circula desde 1895, o próximo passo seria apresentar-lhes algumas edições publicadas desde então, o que pode ser feito usando os exemplares da biblioteca, e quando não houver, pode ser de forma digital, por meio de uma busca na internet, se for possível, ou pela impressão de algumas imagens de capas.

A segunda atividade é a leitura dos elementos paratextuais da edição que tiver disponível, caso não haja paratextos, é possível encontrar informações breves sobre o autor e a obra em sites de editoras. A edição da Objetiva apresenta elementos suficientes para essa introdução. Na primeira orelha do livro, há uma foto do autor e uma breve biografia, incluindo outros livros de ficção científica por ele publicados; e na segunda, uma sinopse da obra, que revela o ano para quando a viagem foi feita e algumas características do ambiente e das personagens encontradas. Entre a segunda orelha e a contracapa, há ainda informações sobre a crítica, as quais indicam uma boa recepção do livro já no período em que foi publicado, e na contracapa, sua classificação como o primeiro romance moderno sobre viagens no tempo e sua inserção entre os clássicos da literatura universal.

Além desses elementos, vale complementar sobre H. G. Wells, sua preocupação com o aspecto social, que imprime uma nuance de cunho social à história, porém, a etapa de introdução não é o momento de revelá-la. Cabe destacar que Wells publicou, em 1939, um manifesto pelos direitos do homem, o qual serviu de inspiração para a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Essa característica específica do autor, somada à breve descrição do enredo, justifica a escolha desse livro para uma leitura literária na escola. Isso porque os julgamentos do Viajante no Tempo sobre os dois povos, compõe uma alegoria facilmente transposta a diversas situações da sociedade atual, inclusive na escola. Ademais, esse traço social configura uma possibilidade de intervalo na leitura, dada a relevância do tema para a convivência escolar.

### c) Leitura

A sugestão desta sequência é que a leitura seja realizada em sala de aula, preferencialmente com o exemplar do livro físico, ainda que leiam em duplas, caso o número de exemplares for insuficiente, de modo que o docente ou os alunos leiam em voz alta. A preferência pela leitura na sala de aula não se justifica apenas pela facilidade de acompanhamento da leitura, mas principalmente para tentar ajustar as condições materiais e subjetivas de leitura. Assim, fica garantido que todos terão acesso ao livro, e mesmo aqueles que apresentem um nível de proficiência leitora baixo, no que se refere à decodificação, podem acompanhar a leitura em voz alta. Além de a turma ler no mesmo ritmo, o que facilita os momentos de intervalo de leitura.

Durante a leitura estão previstos, inicialmente, três intervalos, os quais devem ser preestabelecidos com os estudantes. No entanto, é absolutamente possível realizar quantos intervalos forem necessários, de acordo com o andamento da leitura da turma. Os três intervalos ora sugeridos, buscam dar conta de três aspectos relevantes do livro que podem passar despercebidos pelo leitor, quais sejam, o científico, em que constam as explicações sobre a viagem no tempo; o distópico, em que são apresentadas especulações sobre o tempo futuro e o social, no qual se verifica a relação do viajante com os dois povos que vivem no futuro. As atividades a serem realizadas nesses intervalos partem da obra literária, destacando trechos representativos dos aspectos sugeridos, cuja leitura e discussão pode ser realizada por outros docentes, caso haja disponibilidade.

O primeiro intervalo acontece logo após a leitura do primeiro capítulo, em que é apresentada a tese do Viajante no Tempo sobre a viagem pela quarta dimensão, o tempo. Essa parada se justifica pelo fato de nela conter conceitos que podem ser de difícil compreensão, e travar a leitura. No entanto, justamente a presença desse conceito matemático configura um potencial para o interesse científico dos alunos, por isso pode ser bem aproveitado por docentes das disciplinas de Matemática ou Física. O trecho destacado para análise é:

- Parece-me claro – disse o Viajante no Tempo - que qualquer objeto real deve se estender em *quatro* direções: ele deve ter Altura, Largura, Espessura e... Duração. Mas devido a uma limitação natural dos nossos sentidos, que já explicarei, temos uma tendência a desprezar este último aspecto. Existem na verdade quatro dimensões, três que constituem os três planos do Espaço, e uma dimensão adicional, o Tempo. Temos, no entanto, uma tendência que nos faz estabelecer uma distinção irreal entre as três primeiras dimensões e a última, porque nossa consciência se move de maneira intermitente em uma direção só, ao longo desta última, do começo ao fim das nossas vidas (WELLS, 2010, p. 18).

A ideia é explorar, a partir desse trecho, o conceito das quatro dimensões e as possibilidades de viagens advindas da quarta dimensão – o tempo.

A segunda parada, sobre a distopia, trata de outro aspecto relevante para a narrativa, que igualmente à anterior, depende de alguns conceitos para serem mais bem aproveitados. Dessa vez, pode ser explorado pelos docentes da área de Ciências Humanas, no que se refere às especulações do Viajante no Tempo sobre como a sociedade teria se desenvolvido. Inicialmente vale explorar o próprio conceito de distopia, para então, na segunda parte da atividade, analisar um trecho, em que o viajante, após conhecer o modo de vida dos dois povos, e tomando por base os problemas de sua época presente, conclui, de maneira frustrada, como teria acontecido esse processo de desenvolvimento social.

E assim, teremos no final, habitando a superfície, os Ricos, vivendo uma existência em busca de prazeres, conforto e beleza; e no subsolo os Pobres, os Trabalhadores que se adaptam cada vez mais às condições do seu trabalho (...) Aos meus olhos, a beleza refinada de uns e a palidez doentia dos outros era uma consequência natural desse processo.

O grande triunfo da humanidade com que eu havia sonhado tomou assim uma conformação diferente em minhas ideias. Não fora o triunfo da educação moral e da cooperação entre todos que eu imaginara. Em vez disso, o que eu via era uma verdadeira aristocracia, munida de ciências avançadas e aperfeiçoando até sua conclusão lógica o sistema industrial de hoje. Seu triunfo não tinha sido apenas sobre a Natureza, mas sobre a Natureza e sobre os seus próprios semelhantes. Esta, devo adverti-los, foi a teoria que formulei naquele momento. Eu não dispunha de um providencial cicerone, como ocorre em geral nos romances de Utopia. Minha explicação pode estar completamente equivocada, embora eu ainda ache que é a mais plausível. Mas, mesmo nessas condições, o equilíbrio alcançado pela civilização já deveria há muito tempo ter deixado para trás o seu ponto mais alto e rumava agora para a decadência. A segurança excessiva em que viviam os habitantes do Mundo Superior os conduziu a um lento processo de degeneração, fazendo com que diminuíssem em tamanho, em força e em inteligência (WELLS, 2010, p. 78-79).

O objetivo é problematizar a ideia expressa acima, partindo das relações de trabalho presentes na sociedade atual e associando-as à estratificação social e às desigualdades nessas relações, como um processo “natural”, ao passo que esse cenário é considerado uma distopia: o ápice da exploração de uma classe para o conforto de outra.

A atividade do terceiro e último intervalo, referente às relações sociais entre as personagens durante a viagem ao futuro, pauta-se na análise do discurso do Viajante no Tempo. Essa atividade é de caráter discursivo, conduzida pelo docente de língua portuguesa, consiste em uma análise do discurso do protagonista sobre os dois povos do futuro. Para tanto, os estudantes devem listar de um lado, adjetivos e expressões adjetivas referentes aos Elois, de outro, referentes aos Morlocks. Considerando o tempo de uma aula para realizar essa tarefa, a

sugestão é que se faça um recorte nos trechos que expressam a primeira impressão do viajante ao avistar um e outro povo. Essas passagens indicam, especificamente, o momento em que o Viajante no Tempo avista alguns Elois, povo que habita a superfície, final do capítulo 3. Ao longo do capítulo 4, faz o primeiro contato e relata suas primeiras impressões sobre esse povo. No capítulo 5, o protagonista apresenta desconfianças acerca da presença de um outro povo e descreve o primeiro contato e as primeiras impressões sobre esse povo. Com as listas e com a ampliação sobre o modo como a distopia é abordada no livro, espera-se que os alunos reflitam acerca da diferença de tratamento aos dois povos, de acordo com suas aparências e com as supostas classes a que pertencem.

Com tais intervalos, espera-se oferecer uma contribuição na formação de leitor dos estudantes, ao passo que buscam ampliar a compreensão acerca de temas complexos tratados na obra, os quais são centrais para o andamento do enredo e para a próxima etapa do letramento literário: a interpretação.

#### d) Interpretação

Tendo em vista a proposta de Cosson (2009), a interpretação deve ser pensada em dois momentos, um interior e um exterior. Para registrar e externalizar a interpretação da leitura, a proposta de atividade se propõe a dar voz aos derrotados. Se no ponto de vista do Viajante no Tempo, os Morlocks eram os monstros que deviam ser abatidos, mesmo sem terem agido para justificar tal julgamento, o que pensaram os estudantes sobre isso? Se articularam a leitura às informações sobre o autor na etapa de introdução, em que se soube de sua preocupação com o social, e às atividades propostas nos intervalos, sobretudo o terceiro, que trata do aspecto social, terão percebido ao menos uma ponta de injustiça nas atitudes do Viajante no Tempo. A atividade é que eles contêm livremente, cada um a seu modo, como seria a narrativa na visão dos Morlocks, visto que eles não tiveram voz na narrativa do viajante. A ideia é que o formato possa ser desde um comentário que expresse esse novo ponto de vista, até uma nova história narrada a partir de outro foco. Para o compartilhamento, os alunos podem falar e/ou ler em voz alta suas versões, ou pode ser organizada uma coletânea com os textos, que pode ser digital, o que facilita o compartilhamento. O valor dessa atividade está na percepção de tantas possibilidades de leitura a que uma obra está aberta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi apresentar uma proposta didática voltada aos estudantes dos anos finais do ensino fundamental, tendo a leitura literária de *A Máquina do Tempo* como centro do processo. Para tanto, a elaboração da proposta didática se fundamentou na concepção de literatura como um direito social, a partir de Candido (1995) e do letramento literário como forma de ensinar a literatura na escola, de acordo com Cosson (2009). Assim, a sistematização da proposta didática apresentada, atendeu aos princípios metodológicos de uma sequência básica, como organizado por Cosson (2009). Além disso, considerou-se a escola pública como uma via de acesso à literatura, que contribui para o atendimento desse direito social humano.

A partir desses pressupostos teóricos, foi possível elaborar atividades de leitura literária organizadas em uma sequência básica, capazes de promover um encontro do leitor com obra literária por meio da ampliação do ponto de vista dos estudantes sobre as relações humanas. Considerando a obra literária escolhida, essa sequência básica pode oferecer aos estudantes uma possibilidade de reflexão sobre diferentes fenômenos sociais que, sem a mediação adequada, pode passar despercebida, ou produzir sentidos próprios do senso comum. Assim como afirma Cosson, para quem “A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência” (COSSON, 2009, p. 17). Um exemplo disso é a possibilidade de os estudantes, por meio das atividades da sequência básica, refletirem sobre as relações desiguais de trabalho e sobre o tratamento dado a um grupo em detrimento a outro, e pela escrita de uma narrativa que dá voz aos derrotados, se posicionarem diante das desigualdades por meio do discurso, contribuindo para o exercício dos direitos de um grupo marginalizado.

Além disso, ainda que indiretamente, essa reflexão promove uma maior compreensão acerca das desigualdades nas relações sociais e étnico-raciais entre os alunos (e demais agentes sociais) no interior de uma instituição de ensino. Esse contexto expõe um desafio para os educadores, nas suas relações pedagógicas, num cenário de significativas transformações sociais, o que reforça, cada vez mais, a necessidade do trabalho com a literatura enquanto humanizadora, de modo a evitar comportamentos sociais permeados pela intolerância ao diferente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 21 maio 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história afro-brasileira e africana**. Brasília: SECAD/ME, 2004.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: CANDIDO, Antonio.. **Vários Escritos**. Edição revisada e ampliada. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. "'O espaço da literatura na sala de aula. In.: PAIVA, A., MACIEL, F., COSSON, R. (coordenadores). **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204 p. (Coleção Explorando o Ensino. v. 20). p. 55-68. Disponível em: [http://200.144.244.96/cda/PARAMETROS-CURRICULARES/ME-Ensino-Medio/2011\\_literatura\\_infantil\\_capa.pdf#page=55](http://200.144.244.96/cda/PARAMETROS-CURRICULARES/ME-Ensino-Medio/2011_literatura_infantil_capa.pdf#page=55). Acesso em: 09 jun 2021.

WELLS, Herbert George. **A Máquina do Tempo**. Tradução de Braulio Tavares. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

*Recebido em: 16/06/2021*

*Aprovado em: 19/07/2021*

*Publicado em: 12/08/2021*